

CULTURA

O segundo dia da festa de recepção ao Nobel da Literatura

# Portugal, Saramago

Carlos Câmara Leme

O dia começou na Presidência da República. Depois passou ao Hotel Vitória, espaço do Partido Comunista Português. A seguir participou numa manifestação da CGTP. No final da noite houve uma homenagem nacional, com o Governo em peso. O escritor ficou comovido.

MIGUEL MADEIRA



José Saramago: "Os escritores portugueses merecem ser lidos"

A verdadeira história de Portugal está na literatura portuguesa. Eu sou apenas um momento dessa história, poderia ter sido o Aquilino Ribeiro, ou os escritores do Brasil a ganhar o prémio", afirmou ontem à noite o Prémio Nobel da Literatura, José Saramago, na homenagem nacional que lhe foi dedicada no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém.

A sala vibrou várias vezes. Houve gritos: "Viva Saramago." Quem primeiro falou foi o director da Biblioteca Nacional, Carlos Reis. Sublinhou que o universo que o escritor criou é um "mundo por vezes sombrio e amargo, céptico e desencantado, onde se cruzam questões axiais". "Como a necessidade de revermos a história e nele redescobrimos novos e injustiçados heróis ou a indignação da nossa condição portuguesa, no espaço ibérico e europeu."

O ministro da Cultura, Ma-

nuel Maria Carrilho, falou a seguir e salientou que este tributo ao romancista era fundamental. Porquê? "Tornou-se, depois de Fernando Pessoa, um dos principais esteios da nossa cultura. Hoje em dia, é o grande embaixador da cultura portuguesa." A sala, mais uma vez, veio abaixo.

O primeiro-ministro, António Guterres, foi o terceiro orador. "Se há ainda alguma palavra que se possa dizer sobre José Saramago, essa palavra é o silêncio. Não creio que seja possível dizer mais nada. A melhor homenagem está no silêncio. E numas palavras: José Saramago obrigado pelo seu pão."

Pausadamente, o dia foi muito cansativo para o romancista, Saramago levanta-se e há gritos de todo o lado: "Viva o grande comunista José Saramago!", "viva o grande escritor" — é o delírio total.

Saramago começa por falar, desconcertadamente, nos cães, em particular no cão "Constante", do romance "Levantado do

Chão", que, confessa, não sabe por que lhe deu esse nome. Diz que não quer cair na "banalidade nem na facilidade". Pela voz, vê-se que está comovido com toda aquela gente a ouvi-lo. "Os escritores portugueses merecem ser lidos." Na sua opinião, há um grande futuro para a literatura portuguesa: "Ou lhes damos vida ou lhes damos a morte."

Volta-se para a mesa onde está Guterres, Carrilho e Carlos Reis — ao mesmo tempo que olha para os vários ministros que assistem à cerimónia, como Veiga Simão, Jaime Gama, Marçal Grilo, Maria de Belém — e acrescenta: "Tudo quanto os governos façam têm que fazer. Mas grande parte da responsabilidade pertence-nos a nós, cidadãos." Mais aplausos e gritos de viva Saramago.

Com as suas mãos, vai pedindo calma. Depois acrescenta: "Acreditem que, nesta hora, sinto-me a mais humilde das criaturas. Tudo que se está a passar é muito do que eu. Este prémio era

algo que andávamos a precisar."

A sala vem de novo abaixo. O escritor está visivelmente emocionado. Avança para a frente do palco e não sabe o que é que há-de fazer. Ora cruza os braços, ora une as mãos pelo nariz para conter as lágrimas, como se estivesse a rezar. Nem acredita, possivelmente, no que lhe está a acontecer...

Não podia deixar de ser assim. O dia tinha começado logo da melhor maneira. O Presidente da República, Jorge Sampaio, decidiu atribuir ao romancista a Ordem de Sant'ago da Espada, no seu grau máximo de Grande-Colar — uma distinção só concedida, até agora, a chefes de Estado em funções. Sampaio vai pedir ao Governo a promulgação de um decreto-lei que, excepcionalmente, altere esta situação.

Sampaio foi breve: "Dele é o prémio. Nosso é o orgulho por Saramago ser um grande escritor português, que, com a sua obra, tem dado à nossa literatura e à língua portuguesa uma projecção

extraordinária e um enorme prestígio. Expresso-lhe como amigo, seu leitor e admirador a muita estima e apreço." E agradeceu: "Muito obrigado, José Saramago. Portugal tem orgulho em si, na sua obra e neste Prémio Nobel", acrescentando que estará em Estocolmo quando o escritor receber o galardão.

Saramago respondeu, repetindo o que já tinha dito ontem, apesar de viver a muitos quilómetros de distância, cerca de dois mil: "Estou em Portugal. Onde eu estou, está o meu país."

Depois, seguiu-se o almoço com o escritor, o Presidente e as respectivas mulheres: Pilar del Rio e Maria José Rita. A ementa? Melão com presunto, cabrito assado à Sintra, quente e frio, acompanhado com um Barca Velha, tinto, de 1985.

Hoje, às 16h, é inaugurada uma exposição bibliográfica na Biblioteca Nacional, em Lisboa, em torno do autor de "O Ano da Morte de Ricardo Reis". ■

## Parabéns camarada!

O PCP deu ontem os parabéns ao "camarada José Saramago". Foi na sede dos comunistas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, no antigo Hotel Vitória, que se encheu até às costuras de militantes, novos e velhos. Cravos na mão, muitos, olhos lacrimejantes, outros, orgulhosos, todos.

O Prémio Nobel chegou a meio da tarde, com a mulher, a espanhola Pilar del Rio, que o acompanha por esta viagem triunfante a Portugal. À sua espera tinha uma longa salva de palmas, que se fez ouvir desde a saída do carro até à entrada na sala maior do Centro Vitória. Para fazer o caminho, Saramago teve de furar a multidão, distribuindo beijos, abraços e saudações. Daquelas que se têm visto, em Frankfurt, Madrid, e agora Lisboa: sorriso suave nos lábios, um pequeno aceno com a mão direita, levantada acimada cabeça.

Na hora das discursos, depois da emo-

ção ter diminuído, coube ao secretário-geral dos comunistas, Carlos Carvalhas, dar os "parabéns ao camarada José Saramago". E depois gritar que o Nobel da Literatura de 1998 é, de certa forma, um prémio plural: "Este Prémio honra Portugal, a literatura de expressão portuguesa, mas honra também os comunistas portugueses". Porque "o prémio foi entregue a um trabalhador que se fez escritor".

Mais: "A notícia da atribuição do prémio não foi apenas celebrada nos salões, foi também nos campos do Alentejo, nas fábricas, lá onde se trabalha, nos estaleiros", declarou o secretário-geral dos comunistas.

Em suma, disse Carvalhas: "Não é abusivo dizer-se que este prémio é também um estímulo para a luta de todos os explorados", conclusão que levou o líder dos comunistas a rematar com um "A luta continua".

Seguiu-se a vez do homenageado, o mesmo comunista que em 1990, após ter contestado a orientação política dos dirigentes do PCP, se demitiu da presidência da assembleia municipal de Lisboa, cargo para que tinha sido eleito três meses antes, divergindo de Álvaro Cunhal.

Talvez, por isso, ontem, Saramago quis lembrar, na sede distrital onde está inscrito como militante do PCP: "Somos o que somos, pensamos como pensamos, nem sempre somos bem entendidos pela sociedade, às vezes, também, não nos sabemos fazer entender..." Tudo para dizer: "Não devemos ser teimosos quando a realidade nos diz que a teimosia já não tem razão de ser, mas devemos ser coerentes". E sobretudo manter a esperança, pois, segundo Saramago, "quem não tem esperança não tem vida."

Uma mensagem que pouco depois re-

petiu, na Praça do Comércio, aos sindicalistas da CGTP-In que ali estavam em vigília "contra os conteúdos gravosos do 'pacote laboral'" do Governo. O escritor incentivou-os a continuarem a luta, mas deixou-lhes um recado: "Vem aí uma tempestade, a goteira dos nossos problemas imediatos não esconde a gravidade dos problemas que aí vêm". Pessimista, Saramago, numa jornada que lembrou um dia de um dirigente partidário em campanha, quis ainda ser rigoroso: "Deixemo-nos de eufemismos e chamemos capitalismo autoritário ao neoliberalismo." Pouco depois o escritor partiu para o Centro Cultural de Belém, para a homenagem nacional organizada pelo Ministério da Cultura.

Ontem ninguém perguntou o que é que José Saramago vai fazer com o dinheiro. O do prémio. ■

Rui Flores